

A INTELIGÊNCIA MUSICAL NA ESCOLA COMO INSTRUMENTO MEDIADOR NA APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Andréia Ferro Marques

Graduando em Licenciatura em Pedagogia
Unidade Acadêmica de Garanhuns / Universidade Federal Rural de Pernambuco
andreaferro13@hotmail.com

Viviane Nunes Sarmiento

Bacharel em Direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Maceió
Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal de Alagoas
Mestre em Educação e doutoranda em Educação pela UFAL
Professora da Universidade Federal Rural de Pernambuco
vivianesarmento2@gmail.com

RESUMO: Para este estudo, elencamos os seguintes objetivos: Estimular a Inteligência Musical, através de intervenções com atividades lúdicas. Planejar atividades com base na teoria das Inteligências Múltiplas, focando a inteligência musical e, por fim, executá-las e avaliá-las. O presente estudo foi desenvolvido em uma escola da rede municipal de ensino de Garanhuns em uma turma do 3º ano do ensino fundamental. A turma era composta por cerca de 29 alunos, com faixa etária de 8 a 9 anos. Acreditamos que este estudo pôde contribuir para com informações referentes à área educacional, bem como, fomentar novas discussões sobre as temáticas que envolvem a utilização da teoria das múltiplas inteligências, mais especificamente, à inteligência musical. Além disso, acreditamos que logramos êxito na proposta ao proporcionar novas ideias e estimular a prática do planejamento didático-metodológico, discutir e promover ações/práticas na escola e com a turma em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligências Múltiplas. Atividades Lúdicas. Estratégias Pedagógicas.

MUSICAL INTELLIGENCE LIKE A MEDIATOR INSTRUMENT IN THE EDUCATION OF ELEMENTARY STUDENTS

ABSTRACT: For this research we listed the following objectives: Encourage Musical Intelligence through interventions with recreational activities. Plan activities based on the Multiple Intelligences theory, focusing on musical intelligence and, finally, execute and evaluate them. This study was conducted in a Garanhuns' municipal school teaching in a 3rd year class of elementary school. The class was made up of about 29 students, aged 8-9 years. We believe that this study could help with knowledge regarding the educational area, as well as foster further discussions on issues involving the use of the theory of multiple intelligences, more specifically, the musical intelligence. In addition, we believe that we managed fulfill our proposal to provide new ideas and stimulate the practice of teaching and methodological planning, discuss and promote actions / practices at school and with the class in question.

KEYWORDS: Multiple Intelligences. Playful activities. Pedagogical strategies.

1 INTRODUÇÃO

Baseando-nos nas configurações do senso comum, muitas pessoas entendem que o conceito de inteligência se resume ao conhecimento matemático e da Língua Portuguesa (lógica e linguística) e, que pode ser medida, por meio de testes de aptidão e de QI. Entretanto, alguns estudos, como o de Howard (1983, 1995, 2010), e o de Celso Antunes (2011, 2013) apontam a inteligência como a capacidade de resolver problemas existentes em um meio social ou uma comunidade, logo, ela é ampla, múltipla e depende da forma que é utilizada.

Segundo Gardner (1995), durante os anos escolares, principalmente nos anos iniciais, que se dá o momento de autodescoberta, para isso, há a necessidade de existir uma estrutura para que se possa ter domínio de sistemas notacionais específicos, bem como, é preciso que a criança tenha uma tutela para apoiá-la no desenvolvimento. É no momento do início da escolarização da criança que ela irá poder descobrir e desenvolver suas aptidões.

Nesse sentido, entendemos que é neste momento que devemos contemplar as inteligências múltiplas no ambiente educacional, isso faz com que o aluno sinta-se valorizado, perceba que cada indivíduo tem sua inteligência e que ela se mostra de diferentes formas, além disso, faz o aluno perceber suas potencialidades mesmo que não estejam correlacionadas à matemática ou o português. Para Antunes (2013, p. 15):

O trabalho com as múltiplas inteligências não diminui, ao contrário, ainda mais exalta as competências linguísticas e matemáticas, mas percebe o ser humano de forma bem mais ampla, significativamente mais complexa.

Ainda hoje, existe uma grande valorização das pessoas que melhor desenvolvem a inteligência lógico-matemática e a linguística, por exemplo, os testes de QI, criados por Alfred Binet e que ainda hoje são utilizados como “medidores de inteligência”. Nesses testes encontramos um grande número de questões relacionadas apenas a matemática e português.

Além disso, as provas para avaliação do processo de ensino aprendizagem dos educandos, tendem a considerar apenas a matemática e o português, como a Provinha Brasil. Nesse sentido, entendemos a necessária a possibilidade de discussão acerca dessa temática, visto que, valorizar as diversas inteligências existentes no ser humano é fundamental, uma vez

que não há como desenvolver qualquer habilidade, sem a experiência da prática, sem exercitar, sem o estímulo necessário para esse desenvolvimento.

Nesse contexto, buscamos responder à seguinte problemática: Quais as possíveis atividades lúdicas poderiam ser planejadas, executadas e avaliadas, através de uma pesquisa ação, buscando a estimulação da inteligência musical no contexto educacional de alunos que freqüentam o segundo ano do Ensino Fundamental?

Tendo clara essas colocações e, possuindo como suporte a teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner, o presente trabalho objetivou estimular a Inteligência Musical, através de intervenções com atividades lúdicas. Ainda assim, planejar atividades com base na teoria das Inteligências Múltiplas, focando a inteligência musical e, por fim, executá-las e avaliá-las.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria das inteligências múltiplas surgiu através de estudos de Howard Gardner, estudante de psicologia do desenvolvimento e cognitiva, em 1960, nos Estados Unidos da América. Quando trabalhava, em 1983, ele percebeu que tudo o que havia estudado na universidade, inclusive o conceito de inteligência e a forma de desenvolvimento da mente humana não se encaixava com a realidade do seu trabalho.

Gardner trabalhou com diversas crianças, entre elas, crianças que sofreram algum dano cerebral e outras que não, logo foi percebido que algumas destas tinham, por exemplo, um ótimo desenvolvimento em poesia ou oralidade, entretanto, não tinha o mesmo resultado ao desenhar, sendo esse último, muitas vezes desapontador, diferente do primeiro. Segundo Gardner (2010, p. 16):

Se não tivesse trabalhado junto dessas populações – crianças normais e superdotadas e as que haviam sido normais e sofreram dano cerebral – eu nunca teria concebido minha teoria das inteligências múltiplas (IM, como veio a ser chamada depois). Como a maioria das pessoas leigas e a maior parte dos outros psicólogos, teria continuado a acreditar na ortodoxia do quociente de inteligência (QI): na existência de algo único chamado inteligência, que nos permite fazer uma série de coisas mais ou menos bem, dependendo do quanto somos inteligentes.

A partir disto, passou-se a considerar a inteligência como “um potencial biopsicológico de processar informações de determinadas maneiras para resolver problemas ou criar produtos que sejam valorizados por, pelo menos, uma cultura ou comunidade” (GARDNER, 2010, p. 18).

Nesse entorno, a partir dos resultados de seus estudos Gardner considerou como existentes as seguintes inteligências: lógico-matemática, linguística, musical, espacial, corporal-cinestésica, interpessoal, intrapessoal, naturalista e possivelmente a existencial. Além dessas, surgiram outras, de outros autores, entre elas a pictórica, de Katia Smole, muito relevante no Brasil.

Diante desta perspectiva, entendemos a música como um elemento forte e presente no cotidiano atual, em quase todos os locais encontramos música, inclusive na escola. A música relaciona-se, conforme for trabalhada, com todas as áreas do conhecimento. A música não é apenas arte, música contempla o português, ciências, geografia e todas as demais disciplinas. Além disso, trabalhar com música estimula a socialização, visto que, “as atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitem a comunicação com o outro” (CHIARELLI ; BARRETO, 2005, p. 03).

É importante salientar que trabalhar com música na escola, não significa montar bandas, utilizar instrumentos em datas comemorativas ou impor aos alunos tocarem instrumentos. Trabalhar a música na escola é mostrar aos educandos que música é um conhecimento e que com ela eles podem apreender novas informações. Para Chiarelli e Barreto (2005, p. 5):

As atividades musicais realizadas na escola não visam a formação de músicos, e sim, através da vivência e compreensão da linguagem musical, propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser.

No decorrer da sua história, que possui longo percurso, a música vem mostrando a sua importância. Atualmente, ela está presente, em quase todos os locais do mundo. Na educação, mais precisamente, ela vem ganhando espaço e foi buscando essa ampliação do uso da

inteligência musical, espaço em que esse trabalho encontrou embasamento. Para tanto, seguem os caminhos metodológicos trilhados.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho tratou-se de uma pesquisa qualitativa, que, conforme Oliveira (2007, p. 37) consiste em:

Um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. Esse processo implica em estudos segundo a literatura pertinente ao tema, observações, aplicação de questionários e entrevistas e análise de dados, que deve ser apresentada de forma descritiva.

A proposta de pesquisa possui a abordagem metodológica da pesquisa ação interventiva. Para André (1996, p. 33) “a pesquisa ação envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo”. Para a realização da presente pesquisa, separamos momentos para elaboração de um plano de ação, bem como os seus objetivos e seus relatos.

Para Ibiapina (2008) um dos princípios a considerar nessa prática de pesquisa, é investigar a própria ação educativa, nela intervindo. Por isso, antes de utilizarmos as atividades, primeiro nos propomos a conhecer o espaço, para posteriormente planejar as atividades lúdicas que foram por nós propostas.

Para alcançar tal necessidade – de reconhecimento do espaço - foi utilizada a técnica das observações, visto ser um procedimento que proporcionará ao pesquisador uma maior consciência do ambiente e dos participantes, para elaboração posterior das práticas interventivas. Nesse sentido, constitui-se como necessário que fossem feitas observações sistemáticas onde foram preestabelecidos alguns pontos que foram fulcrais para a análise posterior.

Para Marconi e Lakatos (2009, p. 105), é “na observação sistemática, o observador sabe o que procura e o que carece de importância em determinada situação, deve ser objetivo, reconhecer possíveis erros e eliminar sua influência sobre o que vê ou recolhe”.

Visto isto, em nossa pesquisa, utilizamos os seguintes pontos como critérios de observação: objetivos da professora em sala de aula, as atividades realizadas em sala de aula, as estratégias utilizadas pela professora e a reação dos alunos durante as atividades. Destarte, utilizamos como instrumento de pesquisa o registro em diário de campo, com a finalidade minutar as observações.

Em mente tais pontos norteadores, para alcançar tais questionamentos e focos, foram participantes da pesquisa os alunos do terceiro ano de Ensino Fundamental de uma escola pública municipal de Garanhuns.

Para as intervenções, utilizamos alguns exemplos de atividades que Antunes (2013) indica. Também criamos algumas, adequando-as de acordo com a realidade dos educandos e tendo como base as formas de estimular a inteligência musical indicadas por Antunes (2011, 2013).

Posteriormente, foram realizadas atividades para estimular a inteligência musical, sendo este trabalho atividades desenvolvidas com foco na inteligência musical deu-se processualmente, com base na ludicidade, conforme descreveremos na análise neste momento.

4 ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos dados, foram separados dois momentos, quais sejam: o precedente (que se constituiu em observações), assim como o momento que referente à aplicação das atividades.

4.1 SOBRE AS OBSERVAÇÕES

O registro das observações foram feitos em um diário de campo, contemplando os seguintes requisitos como critérios elencados: quais os objetivos da professora na aula; quais

as atividades que a professora realizou para conseguir atingir esses objetivos; quais as estratégias que a professora utilizou durante a aula e qual a reação dos alunos durante as atividades e qual o efeito das estratégias nos alunos. Conforme Lüdke e André (1986, p. 25):

Planejar a observação significa determinar com antecedência “o quê” e “o como” observar. A primeira tarefa, pois, no preparo das observações é a delimitação do objeto de estudo. Definindo-se claramente o foco da investigação e sua configuração espaço-temporal, ficam mais ou menos evidentes quais aspectos do problema serão cobertos pela observação e qual a melhor forma de captá-los.

Durante as observações, a professora seguia praticamente a mesma ordem: leitura sem objetivos didático-pedagógicos, sempre questionando o que os alunos acreditavam que iria acontecer na história, onde discutiam quem eram os personagens fazendo perguntas relacionadas ao livro.

Interessa destacar que, entre as leituras observadas, existiu um dia em que os alunos começaram a cantar o hino de Garanhuns. Nesse instante, a reação da professora consistiu em solicitar silêncio, contudo, eles insistiram pedindo para cantar.

Diante desse quadro, percebemos que para estimular uma inteligência, é necessário dar atenção a ela. O professor deve aproveitar os momentos em que o aluno demonstra interesse em fazer algo em sala de aula, para assim, estimulá-lo a valorizar-se e desenvolver a sua inteligência. Para Antunes (2012, p. 14), “para que esse desenvolvimento cerebral atinja toda sua potencialidade e multiplique seu poder de conexões, necessita de ginástica e está é, genericamente, chamada de estímulo”.

Logo, se o aluno for desestimulado, não desenvolverá facilmente as inteligências múltiplas e, no caso aqui em destaque, a inteligência musical. Conforme Antunes (2012, p. 14) “mesmo quando os estímulos não são oferecidos, o cérebro sabe procurá-los nos desafios que se propõe”. Se a criança não encontra dentro da escola, um estímulo para a sua inteligência, automaticamente, esse aluno irá buscá-lo em outros locais, estará desatento nas aulas, pois o seu cérebro estará buscando uma associação de sua inteligência com o que está sendo trabalhado em sala de aula.

Os alunos da sala observada, tinham em média 9 (nove) anos de idade. Nesses termos, destacamos o que Oliveira (2012) explica sobre o desenvolvimento humano, segundo ele, o

homem pode desenvolver suas inteligências, pois a inteligência não é fixa, entretanto, a prioridade é que ela seja desenvolvida entre os dois aos doze anos, pois é nesse período que o organismo produz a mielina, substância produzida pelo corpo humano que auxilia na condução de impulsos. Por isso, acreditamos ser uma idade propícia à aprendizagem.

Ocorre que, durante o processo de escolarização, o foco de ensino e investimentos para com a aprendizagem, são quase sempre exclusivos na matemática e no português. Isso ocasiona a não contemplação de alguns alunos e suas formas de aprendizagem fazendo com que aumente a evasão escolar tendo como base o desinteresse dos alunos. De acordo com Belém (2000), o professor deve estar atento a compreensão dos alunos e não ao seu julgamento acerca do educando.

Ainda conforme Belém (2000), o ensino deve ser centrado no aluno, pois assim, a aprendizagem torna-se mais significativa. Se o aluno apresenta-se de forma inesperada pelo professor, cabe a ele – o professor – buscar estratégias outras para alcançar as formas de aprendizagem do seu aluno, visto que o comportamento deste, normalmente está aliado a sua inteligência e o momento em que ele está na sala de aula.

Com as observações, percebemos a necessidade de trabalhar a inteligência do aluno, em um âmbito maior, considerando o aluno por inteiro, e não apenas o que geralmente é visto na sala de aula, que é o português e a matemática. As observações nos fizeram pensar em proporcionar aprendizagem aos estudantes em diferentes modalidades, de formas diferentes, trabalhando o aluno inquieto, o aluno que não para desatento, bem como o aluno que demonstra facilidade em desenvolver os conteúdos programados pela professora.

Unir a música com o português é possível, da mesma forma que com a matemática, com ciências e com as outras disciplinas. Para iniciar o planejamento das intervenções, utilizamos as observações como fonte de trabalho. A seguir, descreveremos algumas de nossas intervenções.

4.2 SOBRE AS INTERVENÇÕES

O processo de intervenção iniciou-se logo após as observações, com atividades relacionadas às inteligências múltiplas. De acordo com Antunes (2012), o estímulo excessivo

de uma inteligência, pode acabar resultando em um desestímulo. Partimos dessa ideia, ao trabalhar com a inteligência musical, uma vez que as escolas tendem à dar um foco maior as inteligências lógico-matemática e linguística.

Como objetivos das atividades com a inteligência musical, seguimos a sequência apresentada por Antunes (2012), que consiste em três linhas: a primeira estimula a percepção auditiva, ensinando a criança a ouvir, a segunda, estimula a sensibilidade do aluno para discriminar ruídos e sons, diferenciando timbres e ruídos, e a terceira, que estimula o domínio da estrutura rítmica, a compreensão dos sons. Com relação aos jogos e brincadeiras realizadas na sala de aula, Antunes (2012, p. 136), ressalta que:

[...] a finalidade essencial desse treinamento não é a de tornar os alunos “músicos” ou “compositores” e sim abrir a janela de sua inteligência para descobrir e para instrumentalizar a magia e o encantamento da linguagem sonora. Após essa abertura, caberá ao próprio aluno prosseguir ou não seu aprimoramento sonoro, eventualmente apreendendo composição ou instrumentação música.

Utilizamos como referência para essas atividades, o livro *Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências*, como também o livro *Inteligência Múltipla e seus jogos*, ambos de Celso Antunes (2012, 2013), transformando alguns jogos em brincadeiras com intuito de aprendizagem. Para ilustrar nossas intervenções, destacamos algumas atividades realizadas por nós.

4.3 ATIVIDADES DESTACADAS

A atividade a seguir, recebeu o nome de: Meu lápis de som; o objetivo desta atividade foi estimular a percepção auditiva, uma vez que a atividade consiste basicamente em perceber e realizar um som, a partir de uma sílaba tônica. A atividade também estimula a associação entre tempo e som, sendo utilizado para esta apenas um lápis comum.

Para Santos (2002, p.33) a inteligência musical pode ser definida como “a capacidade de produzir e apreciar ritmo, tom e timbre; apreciação das formas de expressividade musical. Permite a organização de sons de maneira criativa, a partir da discriminação dos elementos

musicais”. Sendo assim, constitui também parte da inteligência musical, o ato de reconhecer o som, de associá-lo em diferentes ocasiões.

A atividade foi realizada em uma sala, com os educandos sentados. Juntamente com os alunos, foram cantadas algumas músicas conhecidas, para que eles batessem com o lápis na mesa na hora que o tempo mais forte da palavra aparecesse. Desta feita, os alunos passaram a desenvolver melhor a relação tempo e som, exercitando também suas possibilidades linguísticas. A seguir, mostraremos um exemplo de uma música e o seu tempo mais forte, para ficar mais claro como a atividade funcionou. Exemplo: **Marcha soldado, cabeça de papel, quem não marchar direito, vai preso no quartel.**

Os alunos foram separados para outra sala, em grupos de 6. No início, a atividade parecia que não iria funcionar, pois alguns alunos não conseguiam adequar-se ao ritmo e batiam em outras partes da palavra ou até mesmo aleatoriamente. Entretanto, depois de ser cantada uma música, onde eles deveriam bater no momento da sílaba forte, o primeiro grupo pediu para fazer de novo, na segunda música, cerca de três já haviam conseguido entrar no ritmo da música e relacioná-la ao som e à batida. Depois, foram cantadas outras músicas, que eles escolheram, para que ficasse mais perceptível o ritmo e a sílaba forte e para que eles batessem com o lápis na mesa quando ela aparecesse.

Os outros dois grupos seguiram da mesma forma, exceto o último, os 6 alunos tiveram mais facilidade no começo, conseguiram realizar a atividade com êxito logo na primeira música, aperfeiçoando a atividade nas músicas seguintes. Antunes (2012) relata que os alunos precisam aprender a ouvir. Ao relacionar o conteúdo linguístico (a sílaba tônica) com a música, com a atenção voltada à sílaba tônica, o aluno está atento ao que está ouvindo, para assim emitir o som de acordo com a sílaba tônica de cada palavra.

A próxima atividade teve por objetivo de estimular o desenvolvimento da inteligência musical, atingindo também a inteligência linguística e a espacial. A atividade realizou-se da seguinte forma: Foi entregue aos alunos uma folha com músicas escritas, perguntado se eles conhecem a música e explicando que nas partes sem nada, eles deveriam completar com o desenho e em baixo do desenho, escrever o nome do que ele desenhou. Por exemplo: Era uma _____ muito engraçada, não tinha _____ não tinha nada...

Podemos afirmar que a maior parte dos alunos participaram ativamente dessa atividade, inclusive uma aluna deficiente auditiva. Gardner (2010) relata que trabalhou com pessoas com deficiência, percebendo que suas inteligências são ativas, entretanto, poucas chances são dadas para eles. Nessa atividade, embora não seja o nosso foco, percebemos o envolvimento desta aluna, diferente do período das observações, que ela não participava de atividades em conjunto (eram feitas atividades para a turma e a aluna ficava com outro professor, fazendo outras atividades).

“As atividades relacionadas à música também servem de estímulo para crianças com dificuldades de aprendizagem e contribuem para a inclusão de com deficiência” (CHIARELLI e BARRETO, 2005, p. 8).

Conforme Chiarelli e Barreto (2005, p. 3), a musicalização influencia também no desenvolvimento cognitivo/linguístico. Para as autoras:

A fonte de conhecimento da criança são as situações que ela tem oportunidade de experimentar em seu dia a dia. Dessa forma, quanto maior a riqueza de estímulos que ela receber melhor será seu desenvolvimento intelectual. Nesse sentido, as experiências rítmico musicais que permitem uma participação ativa (vendo, ouvindo, tocando) favorecem o desenvolvimento dos sentidos das crianças. Ao trabalhar com os sons ela desenvolve sua acuidade auditiva; ao acompanhar gestos ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção; ao cantar ou imitar sons ela está descobrindo suas capacidades e estabelecendo relações com o ambiente em que vive.

Em continuidade com as intervenções, no dia 30 de setembro de 2013, realizamos outra atividade que, consistia em perceber de onde vem um determinado som. Além disso, essa atividade também estimulou a concentração, uma vez que para ouvir e saber de onde vem o som, o educando necessita estar concentrado. Em etapas subsequentes a atividade foi ampliada a padrões maiores de dificuldades, levando os alunos a identificar não apenas a direcionalidade, como as diferentes intensidades, assim como o som de um, dois ou mais apitos simultâneos e em locais diferentes.

Desenvolver a busca pelo som é de fundamental importância para o desenvolvimento da inteligência musical. Conforme Chiarelli e Barreto, atualmente existe uma enorme dificuldade do desenvolvimento auditivo, pois existe um grande predomínio nos estímulos visuais. Chiarelli e Barreto (2005, p. 4) ainda ressaltam que:

Por isso é fundamental fazer o uso de atividades de musicalização que explorem o universo sonoro, levando as crianças a ouvir com atenção, analisando, comparando os sons e buscando identificar as diferentes fontes sonoras. Isso irá desenvolver sua capacidade auditiva, exercitar a atenção, concentração e a capacidade de análise e seleção de sons.

Desenvolver a inteligência musical não é somente aprender a tocar um instrumento ou cantar, vai além desses detalhes, a inteligência musical atenta-se também para os ruídos, os pequenos sons que nos chamam atenção e que estão presentes em nosso cotidiano.

Entendemos então no processo deste estudo que, a escola é um local onde a criança sinta-se valorizada, principalmente nos anos iniciais e Ensino Fundamental. Nesse sentido, o professor deve ter um olhar especial para aqueles alunos que, de uma forma geral, frequentam sua sala de aula, proporcionando um espaço dialógico onde todos possam ser sujeitos ativos e críticos.

O que tem acontecido, como já discutido no corpo deste estudo, consiste no fato de que a maioria dos profissionais que atuam na escola, não têm utilizado metodologias adequadas para a realidade heterogênea de suas salas de aula, visto que o professor precisa partir da realidade do educando para assim a aprendizagem ser mais significativa.

Nesse contexto, entendemos que a música está presente em quase todas as culturas do mundo. Dessa forma, fazendo parte da realidade do aluno e, conseqüentemente, de sua vida. Antunes (2013, p. 18) nos relata que:

Confirmadas por pesquisas científicas realizadas em muitos lugares e em diferentes épocas, sabe-se que a música pode provocar arrepios de emoções ou nos envolver em lágrimas, que há mais de trinta mil anos nossos ancestrais já produziam algum tipo de música e que esta tinha forte papel na coesão do grupo e na distinção entre o homem e outras espécies. Por que a música sensibiliza tanto o cérebro humano ainda não sabemos, mas com os recursos de que atualmente se dispõe não é difícil perceber como a música é processada pelo cérebro e muitas áreas do mesmo necessitam estar em plena ordem para que seja compreendida e envolvida pela emoção.

Por intermédio desse conhecimento factual e, através dos resultados apontados neste estudo, consideramos que trabalhar com a música na sala de aula fez com que os alunos se envolvessem mais na escola, participassem mais das atividades escolares bem como das

realizadas por nós. Foi perceptível a alegria, curiosidades, vontade de participar, quando levávamos instrumentos, músicas, ou até mesmo atividades que estimulavam o ouvir.

Este quadro situacional, só reafirmou a discussão que assegura que a escola deve considerar o aluno como um todo, não focando apenas a língua portuguesa, a matemática ou até mesmo a música, visto que o ser humano frequentador daquele espaço educacional é múltiplo, possuindo então, saberes, culturas e conquistas diferenciadas. Assim, acreditamos ainda que a música dialoga com diversos outros universos e, que nunca estamos trabalhando com inteligências em isolado, mas com o ser humano de uma forma plena. Assim, compreendemos que devemos nos afastar dos testes e ver o natural, o ser como uma pessoa, contribuindo com o desenvolvimento da criança de forma plena.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o indivíduo que participa do espaço educacional de uma forma múltipla, trata-se de considerá-lo como um todo e valorizar as diversas potencialidades existentes numa sala de aula que, conforme aqui apresentado desfruta de gostos, vivências, capacidades e dificuldades diferenciadas que, foram externadas no presente estudo em todos os momentos das atividades, tanto nos momentos de ouvir, desenhar, quanto nas escolhas dos instrumentos a ser utilizado no final da pesquisa.

Por isso, em relação à nossa problemática, entendemos que a estimulação dos alunos, a partir de estratégias que envolvam a reconstrução de métodos adequados para o processo de escolarização, contemplando o aluno em sua totalidade foi a melhor forma de estimular uma inteligência no espaço aqui evidenciado, visto que, foram percebidas modificações a partir do dia a dia dos alunos que indicaram um maior envolvimento nas atividades realizadas na sala de aula.

Entendemos ainda que o planejamento das atividades, colaborou com a participação e a troca de experiências e gostos em sala. Por isso, percebemos que relacionar os conteúdos programados com atividades diferenciadas faz com que o aluno assimilasse melhor diversos conhecimentos, pois, de acordo com Dhome (2003, p. 124-125):

O desenvolvimento pessoal funda-se em um processo de auto descoberta, onde cada qual tende a tomar consciência do que sabe fazer e do que tem dificuldade, como pode potencializar aquilo que faz bem e conviver, ou diminuir, com afeitos daquilo que tem menos habilidades. O processo de comparação pode ser doloroso, porém é eficaz e, às vezes, inevitável. Porém, atividade lúdica pode compor este processo de comparação de forma agradável, divertida e em um clima de camaradagem.

Acreditamos que este estudo pôde contribuir para com informações referentes à área educacional, bem como, fomentar novas discussões sobre as temáticas que envolvem a utilização da teoria das múltiplas inteligências, mais especificamente, à inteligência musical. Além disso, acreditamos que logramos êxito na proposta ao proporcionar novas ideias e estimular a prática do planejamento didático-metodológico, discutir e promover ações/práticas na escola e com a turma em questão.

Sucessos e fracassos se alternam no percurso das discussões sobre a educação que, longe, possuem uma linha definida, contudo, queremos deixar claro que muito das afirmações genéricas ora colocadas não se encaixam apenas nas alternâncias e possibilidades da teoria das múltiplas inteligências, mas da realidade que vivenciamos em nossa educação brasileira e seus processos que, por sua vez, estão longe de serem práticas de resoluções firmadas.

Por isso, almejamos que essas lacunas possam representar motivos de inquietação para novas buscas e esperamos poder somar e contribuir com o conhecimento científico.

6 REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995.

ANTUNES, Celso. **Como identificar em você e em seus alunos as inteligências múltiplas**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ANTUNES, Celso. **Inteligências múltiplas e seus jogos: inteligência sonora**, vol. 8. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARRETO, Sidirley de Jesus e CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti. **A importância da musicalização na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: a música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser**. Disponível em:

<http://www.deliamatos.com.br/uploads/1/3/1/5/13157813/a_importncia_da_musicalizao_na_educacao_infantil_e_no_ensino_fundamental.pdf>. Acesso em: 15 maio 2014.

BELÉM, Diana. **Carl Rogers: do diagnóstico ao ensino centrado na pessoa**. Recife: Bagaço, 2000.

DHOME, Vânia. **Atividade lúdica na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

GARDNER, Howard. **Estruturas da Mente**. Nova Iorque: Basic Books, 1983.

GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. São Paulo: Artmed, 1995.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas ao redor do mundo**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos**. Brasília: Líber Livro, 2008.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SANTOS, Rosângela Pires dos. **Inteligências múltiplas e aprendizagem**. São Paulo: Coursepark, 2002.